

Discurso de posse no Instituto do Ceará de Seridião Correia Montenegro

minente presidente do Instituto do Ceará, médico, escritor e historiador Lúcio Alcântara. Preclaro vice-presidente em exercício, escritor e historiador Osmar Diógenes. Digníssimas autoridades, presidentes e membros de Academias de Letras e de Direito, minha mulher Luiziana Esteves, queridos filhos e netos, demais familiares, amigos e convidados que participam desta sessão virtual.

Prezados confrades e congreiras!

É com imensa alegria e profunda emoção que me apresento diante de vós, para tomar posse como associado efetivo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), e receber a medalha do Barão de Studart, honraria insigne a mim concedida, graças à vossa benevolência e generosidade, proporcionando-me a oportunidade de integrar esta entidade centenária, que tem impressos, nas páginas de sua monumental história, os maiores nomes da historiografia e do conhecimento geográfico e antropológico do nosso Estado, desde que foi fundada em 4 de março de 1887, pelo seletivo e valoroso grupo de intelectuais, liderados por Paulino Nogueira e Guilherme Studart.

Agradeço sensibilizado o honroso convite, o estímulo e os sábios conselhos, recebidos do dileto confrade e amigo José Augusto Bezerra, por quem tenho grande admiração e alta estima; o incentivo e o grande empenho dos estimados consócios Ednilo Soárez, Osmar Diógenes e Neuzemar Gomes de Moraes, patronos signatários da proposta de minha admissão, e o apoio dos demais eminentes confrades e congreiras, que, com a magnanimidade de seus votos, me proporcionaram a oportunidade de, com muita humildade, mas grande entusiasmo, dar minha modesta parcela de contribuição, para o estudo e a difusão da História, especialmente da História do Ceará.

O meu agradecimento pelas generosas palavras do confrade Neuzemar Gomes de Moraes, mestre da oratória, que, no discurso de saudação, com palavras generosas me deu as boas-vindas de forma tão calorosa e acolhedora, em nome desse colegiado.

Senhoras e senhores,

Assumo a vaga anteriormente ocupada por José Pedro Soares Bulcão; Demócrito Rocha; Dom Antônio de Almeida Lustosa; Francisco de Assis Arruda Furtado; e por Geová Lemos Cavalcante, que, com sua partida precoce, deixou uma lacuna impreenchível nas áreas e atividades em que atuava.

Geová Lemos nasceu em Pedra Branca – Ceará, em 8 de agosto de 1942. Concluiu o curso de Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da UFC, na turma de 1967. Pertenceu aos quadros da Polícia Federal, onde exerceu o cargo de Delegado e ocupou diversas funções de relevância, dentre as quais as de Superintendente nos Estados do Acre, Paraná, Alagoas e Ceará, e de Assessor do Diretor Geral em Brasília. No exercício dessas elevadas funções, jamais se deixou levar pelo fascínio fantasioso e inebriante do poder, conservando sua personalidade de homem simples, humilde, humano, verdadeiro, sensível e generoso, dotado de irretocável senso de integridade moral, de conduta ética irrepreensível e de exemplar espírito público, orientando sempre as suas ações pelo senso real de justiça. No Instituto do Ceará, ocupou o cargo de Secretário-Geral e de editor da sua centenária Revista. Foi revisor no jornal Tribuna do Ceará e, anos mais tarde, passou a fazer revisão de obras literárias. Por mais de quarenta anos, dedicou-se aos estudos da genealogia das famílias do Ceará, utilizando-se sempre de fontes primárias. Tornou-se exímio e incansável pesquisador, metuculoso e detalhista, debruçando-se sobre antigas publicações e documentos raros, no Arquivo Público do Estado do Ceará, no Arquivo Nacional, na Biblioteca Nacional, na Hemeroteca e na Biblioteca do Instituto do Ceará e em outros importantes arquivos e bibliotecas, de cujas pesquisas resultaram as publicações dos livros: *“Pedra Branca – Século XIX”*, *“O Porteiro da Religião - Os Escritos de Manezinho do Bispo”*, *“Cronologia da Criação da Diocese de Fortaleza”* e *“Dom Antônio de Almeida Lustosa”*. Em *“Genealogia Cearense – Catálogo de*

Fontes”, lançado no corrente ano, a magnitude do material pesquisado, que tornaria impossível a confirmação de dados em fontes primárias, o levou a catalogar fontes secundárias de “obras produzidas por escritores e constantes de livros, revistas e outras matérias impressas {...}, que tratam de genealogia cearense”. Os livros de sua autoria “*Cronologia da Igreja Católica no Ceará de 1607 a 1839*” e “*A Guarda Nacional no Ceará*” são obras inéditas.

Geová Lemos integrou o Conselho de Assuntos Econômicos da Arquidiocese de Fortaleza. Foi sócio do Rotary Club de Fortaleza Alagadiço, com destacada atuação como seu presidente no ano rotário 1992/1993. Participou do Movimento Católico Internacional Equipes de Nossa Senhora, ao lado de sua mulher Maria Luiza Barroso Cavalcante, que ele ressaltava com orgulho ser filha do escritor, poeta, educador e jornalista Antônio Girão Barroso, saudoso professor de Economia Política, na Faculdade de Direito da UFC.

Senhoras e senhores,

Como filho de professora de história, desde muito jovem, aprendi a amar a ciência que estuda e analisa os acontecimentos do passado. O amor que minha querida e saudosa mãe, Maria Hilma Correia Montenegro, dedicava ao magistério, ministrando aulas de Geografia e História, muito cedo despertou em mim, primeiro a curiosidade, depois o interesse e a devoção por essas importantes áreas do conhecimento, o que me levou a ser habitual frequentador de sua ampla biblioteca, com rico e diversificado acervo, na busca por informações que ampliassem a visão dos fatos narrados por ela, nas interessantes preleções que fazia para os filhos, sempre após o jantar, envolvendo grandes feitos da História Universal, momentos decisivos da História do Brasil e fatos marcantes da História do Ceará. No convívio com os livros da biblioteca materna, conheci a obra de Plutarco “*As Vidas dos Homens Ilustres*”, em que o historiador e biógrafo grego define a história como “*uma narração ordenada de coisas notáveis, ditas, feitas ou acontecidas no passado, para delas se conservar perpetuamente a lembrança e para que sirvam de instrução à posteridade*”, considerando-a como “*o tesouro da vida humana, que preserva da morte do esquecimento os fatos e ditos memoráveis dos homens e as*

aventuras maravilhosas e casos estranhos, que a longa sequência do tempo produz.” Logo me deixei envolver e seduzir pela leitura da longa e sofrida história dos hebreus, escrita pelo historiador judeu/romano Flávio Josefo, que inicia sua obra narrando a criação do mundo e estende o objeto de seu estudo até o reinado do polêmico Nero, último imperador da dinastia júlio-claudiana, utilizando, dentre outras fontes de consulta, os livros do Antigo Testamento. Também fui colher preciosas informações na História Universal do historiador italiano Cesare Cantú, que se inicia com a narração dos acontecimentos complexos desde o homem da caverna até meados do século XX, em que, nas palavras de Gabriele Salazar, *“Cantú nos relata, em períodos vibrantes e locuções maravilhosas, o desenvolvimento da humanidade em geral e os costumes de cada povo em particular, durante a ininterrupta cadeia onde se reproduz a eterna permuta entre a vida e a morte”*. A grandiosa obra de Cesare Cantú me permitiu entrever fatos e informações relacionados à literatura, à religião, aos usos e costumes, à filosofia, à música, às belas artes, à legislação, ao comércio e às indústrias de cada nação, no curso do tempo, numa visão panorâmica de cada um dos estágios da história da humanidade.

Nas páginas dos livros do grande mestre da historiografia brasileira, Capistrano de Abreu, procurei aprofundar as lições recebidas em casa e na escola, sobre a História do Brasil.

Com relação à História do Ceará, infelizmente ausente do currículo escolar da nossa terra, tive a oportunidade de colher valiosas informações principalmente nas obras de Antônio Bezerra, Raimundo Girão, Antônio Martins Filho, Thomaz Pompeu Sobrinho e José Aurélio Câmara.

Ao eleger a carreira profissional que pretendia trilhar, fiz vestibular para a Faculdade de Direito da UFC, concluindo o curso em 1965, pouco depois de ter ingressado no serviço público estadual como Técnico de Educação e Professor. Durante algum tempo, fui designado para prestar serviços junto ao Museu Histórico e Antropológico do Ceará, onde voltei a sentir a benéfica influência da minha saudosa e inesquecível mãe, então Diretora do Museu, a me despertar o interesse adormecido pelos estudos da História e pelas coisas da Cultura. Nessa época, passei a encontrar com frequência, os integrantes do Instituto do Ceará, dentre os quais, vários dos meus professores na Faculdade de Direito, um deles ainda

vivo, o querido professor Paulo Bonavides, e outros, de saudosa memória, Clodoaldo Pinto, Fran Martins, Manuel Albano Amora, João Alfredo de Sousa Montenegro e José Sobreira de Amorim, além de Dolor Barreira e Hélio Melo, respectivamente, Diretor e Secretário, na época, da Faculdade de Direito da UFC. A todos eles, rendo respeitosa homenagem.

Durante o período em que exerci em Brasília os cargos de Técnico de Tributação do Ministério da Fazenda e de Auditor Fiscal da Receita Federal, tive o meu nome aprovado pelo Egrégio Conselho Federal de Educação, para lecionar Legislação Tributária na Faculdade Católica de Ciências Humanas de Brasília. Transferido para Fortaleza, passei a lecionar Direito Tributário na Universidade de Fortaleza da Fundação Educacional Edson Queiroz - UNIFOR.

Na área do direito, a que me dediquei por mais de cinquenta anos, vinte dos quais como Procurador da Fazenda Nacional, também me deparei com a história, a permear o conhecimento evolutivo da ciência jurídica, encontrando na obra de Jayme de Altavila, *Origem do Direito dos Povos*, a matéria prima que, depois de transformada pelas mutações sociais, foi utilizada na construção do arcabouço jurídico moderno, desde a Legislação Mosaica, o Código de Hamurabi, o Código de Manu, a Lei das XII Tábuas, o Alcorão, a Magna Carta, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, o Código de Napoleão, as Ordenações do Reino, o Código de Bustamante e a Declaração Universal dos Direitos do Homem. A história do direito quase sempre se confunde e se imiscui com a história dos povos, dando-lhe contornos que lhe emolduram o *modus vivendi* e a tenaz capacidade de sobrevivência.

Ao encerrar as minhas palavras, nesse momento em que se concretiza o meu antigo sonho de ingressar como associado efetivo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), assumo o solene compromisso, perante esta augusta assembleia, de atuar sempre, nesse luminoso templo do saber, obedecendo a diretriz traçada pelo escritor e filósofo Farias Brito, que indicava “*a verdade como regra das ações*”, preceito esse reafirmado de forma categórica por meu saudoso antecessor Geová Lemos, segundo o qual “*só existe uma verdade, o autor que a tangencia comete uma transgressão inenarrável para a posteridade*”. Mas foi o advogado, político, escritor, orador e filósofo romano, Marco Túlio Cícero,

quem nos legou uma imperiosa e inflexível regra de conduta ao definir que “*o primeiro dever do historiador é não trair a verdade, não calar a verdade, não ser suspeito de parcialidades ou rancores.*”

Esse, senhoras e senhores, é o compromisso que assumo perante vós, de pugnar sempre, com isenção, pela prevalência da verdade histórica.

Muito obrigado.

(Discurso proferido em sessão solene, virtual, na tarde de
13 de outubro de 2020)